

1as JORNADAS DO NÚCLEO DE PESQUISA SOBRE TOXICOMANIA E ALCOOLISMO - ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE - RIO DE JANEIRO - 05, 06 E 07 de junho de 1998 .

O BRILHO DA IN-FELICIDADE - ONDE ESTÁ O GOZO DA DROGA ?

**ONDE SE ENCONTRA O OBJETO DA PULSÃO
NO USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS ?**

José Ricardo Gallina

*He's the real nowhere man
Sitting in his nowhere land
Making all his nowhere plans for nobody*
The Beatles

Situo o conceito de objeto para a psicanálise, pensando no seu lugar vinculado à noção de objeto *a* em Lacan. Neste aspecto o texto do Seminário *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* deve ser enfatizado no que ele fundamenta a noção, a dimensão de abrupta irrupção da falta no real, falta significante de um objeto consistente na economia pulsional, provocador de desejo, evocando a precipitação do sujeito na exata dimensão do desejo do Outro. O objeto *a*, a partir dos conceitos fundamentais de pulsão e repetição revisitados em Freud, encontra uma particularidade de enlace na conjunção do real com o simbólico. A relação entre o sujeito e o objeto *a* no matema do fantasma em Lacan, sustenta o nó sintomático que se estabelece em referência à falta de um estatuto de verdade absoluta na relação com o Outro.

O falo simbólico literalmente ocupa este lugar como significante primordial organizador de uma garantia para o sujeito na relação com a perda do objeto que se depreende na aquisição da linguagem. O sujeito situado fora da cadeia simbólica é produzido no acesso de sua movimentação, virtualizado no circuito da demanda pelos objetos de satisfação pulsional. Recorrendo à solução oferecida pelo paradigma edípico, a construção do mito familiar insere os objetos da demanda no circuito da significação fálica, uma demanda representável de amor e de reconhecimento essencial à organização simbólica. A sexualidade está a serviço de uma satisfação libidinal referenciada no gozo fálico resultante das identificações edípicas, soluções de compromisso falicizadas pelo laço social, cujo valor se expressa nos atos e pensamentos ampla e ricamente costurados no campo do Outro da linguagem. A implicação do ser pensante com relação ao corpo erógeno é o que constitui o sujeito como um ser de linguagem, no sentido estrito da castração simbólica promovida na metáfora paterna, do que depende sua inserção nas formas do discurso social. Entretanto, o reduto da pulsão está na lógica fantasmática, na satisfação libidinal decorrente do circuito pulsional atrelado ao desejo, desejo que se insere no enigma do Outro, sobre o que se

lança o sujeito desejante em sua indagação: *o que queres ?*. Sujeito do inconsciente, faz da operação analítica suas próprias regras ao modo de linguagem, e na fantasia original encontra o basta *après-coup*, redimensionando o modo de gozo fantasmático a partir do desejo.

As substâncias psicoativas entram literalmente para o sujeito na vinculação do registro simbólico com o imaginário como um modo de gozo, e se representam significantes pelas vias da cultura, do discurso civilizatório. Os objetos são falados e se tornam falantes para o sujeito, na linguagem circulam e se introduzem absorvidos ao erógeno corporal. Porém, por serem significantes catalizadores de um mecanismo que rompe e adultera a determinação das significações mitificadas sobre o desejo, reintroduzem o funcionamento do organismo na dialética sujeito-objeto, onde este organismo passa a ser objeto de satisfação numa contingência acéfala desprovida de sentido, marcado por ocupar o lugar da falta no Outro. Na relativização daqueles significantes que organizam a demanda pulsional, aqueles que oferecem subjetividade na relação com os objetos, o organismo se destaca literalmente no lugar de objeto da complementaridade, do gozo do Outro. A pulsão encontra sua satisfação no erotismo próprio às zonas que se destacam na particularidade do fantasma, ali onde o objeto só alude a uma dimensão extática de gozo absoluto, em que o prazer estabelece um limite. As idéias de auto-erotismo, de curto-circuito pulsional, de insubordinação à lei de ordenação do desejo, de abolição fantasmática, transparecem no uso de substâncias pelo efeito de satisfação endógena, onde o narcisismo se redobra pela periódica denegação daqueles significantes que dão suporte à demanda de um encontro feliz com os objetos.

Paradoxo desta forma de gozo, assim como na esquiva de um saber sobre o próprio desejo, o que levou Édipo a realizar o destino determinado pelo oráculo, aproxima-se o uso de drogas, no drogado, da realização do desejo do Outro, ocupando o lugar da satisfação pulsional destituída de um sentido sintomal, fora de um saber do sujeito no inconsciente, do campo da significação, da verdade. Ora, de que desejo se diz nesta insubordinação a um modo de gozo que pudesse passar pela via da sexualidade, dos limites da pulsão subordinada ao ato erótico, do gozo fraturado no relacional da via amorosa - ou seja, que desejo sustenta esta insubordinação ao gozo fálico? Apresento agora a idéia como hipótese de que existe no ato repetitivo de experimentar drogas um enigma fantasmático que situa o sujeito em relação à posição feminina, à experiência gozosa de uma realidade pulsional indeterminada que conduz ao êxtase - estase da libido - sujeito passível desta experiência portanto, objeto em si de satisfação pulsional. A perspectiva sempre descompleta da obstrução da função desejante no ato de experimentar substâncias induz o sujeito a persistir no uso, e também propor mudanças na relação com o Outro - negocia, faz planos, um *planeta*. O impulso, ou fissura, se presentifica à emergência de um real que aponta para a ausência de sentido, o *non-sense*, o indizível, o inominável, que muitas vezes faz do drogado um adepto das ritualizações. Nesta aproximação, o lugar do sujeito no fantasma vem de uma alienação ao gozo do Outro, o gozo no corpo, onde se trata não de uma psicose por estrutura, mas da inclusão do funcionamento do organismo na falta vinculada à experiência do vazio que comporta a falta do falo na mulher. Dizer que a posição feminina funda um ato para o dependente, poderia também ser dito da morte que ela funda um ato da mesma forma - ambas não encontram significantes que lhes dêem consistência simbólica. Entretanto, o que é deste enigma encontra um retorno no real, um encontro como faltoso, que não se inscreve, que leva ao *acting-out* e ao extremo da *passagem-ao-ato*. Ao se colocarem estes termos, isso sugere que no jogar com a morte e com a mulher no ato de usar uma substância psicoativa eles reaparecem da mesma forma, ao modo de buracos-negros no universo?

A mulher não existe, dizer de Lacan, e *o nosso amor a gente inventa*, cantar de Cazusa, talvez nisso se expresse aquilo que falta no desencontro, para aquilo que escapa, para que

haja um forjar do desejo em relação ao Outro sexo. O drogado se inscreve como *não-falo*, recusando para o Outro a existência de um sujeito do inconsciente, o que se deduz como se ocupasse o lugar próprio da criação do falo na mulher. Isso se apresenta de certo modo na forma promíscua com que o sujeito-objeto drogado se apresenta, protótipo na degradação polimorfa, prostituído no uso-e-abuso do meu-seu corpo, objeto-dejeto de troca na relação com os outros, sem buscar qualquer recuo pela demanda simbólica na via da afetividade e do desejo. Porta-voz de um erotismo desvencilhado, o que advém do Outro não interessa, o organismo como objeto autosuficiente - *todo ou nada* - sem o desejo significado no falo pela paixão libidinal, neste encontro fugaz com a substância a ser eternizado como uma punição para Sísifo, *rock-and-rolling-stones forever*, a dívida pela negligência ao sujeito desejante se acrescenta à dimensão da morte.

O fantasma persecutório da mulher-morte - o Outro sexo - encantador e negociável no filme *All That Jazz* de Bob Fosse - reúne a deusa da inominável eternidade ao inexistente do falo na mulher, diante da qual todo ser há de admitir sua impotência, reconhecer seu limite e seu destino. *Já que vossa senhoria assim o deseja, eu me rendo ao vosso fervor e paixão* posiciona-se o drogado, servo no anti-fetichismo do êxtase onde goza, objeto único causa do desejo no fantasma que faz a função de articulador entre duas ausências, duas feminilidades. No *entre-duas-mortes*, dizer de Lacan no Seminário *A Ética da Psicanálise*, aquela da castração simbólica, a que de fato o drogado não quer admitir pelo desejo de nadificação da função do desejo, mas que ao omitir o seu denuncia o desejo devorador no lugar do Outro - pulsão de morte - e aquela morte na ordem imaginária do gozo, em que na formulação identificatória fala de um objeto narcísico em negativo, de um gozo que sucumbe à existência. Seriam estas duas formas de situar o fantasma da posição feminina do que aparenta se excluir o drogado. O fantasma do fantasma, o zumbi, o morto-vivo, a subversão do desejo, isso faz parte da cultura da droga.

De alguma forma esta realidade pulsional que faz do gozo absoluto do êxtase sua condição in-existencial, traz à tona a questão sobre o desejo do verdadeiro herói, o que não conhece o temor e nem a piedade, trabalhado por Lacan neste seminário da ética através da tragédia *Antígona* de Sófocles. O herói e o que está à sua volta na tragédia, nos diz Lacan, situam-se em relação ao ponto de visada do desejo. Esta verdadeira heroína sustenta o próprio desejo em nome da lei dos deuses. Antígona se dispõe a dirigir seu destino ao *Até*, termo que evoca a noção de limite entre a vida e a morte, por uma condição insuportável gerada a partir da lei dos homens. No caso de Antígona, ela faz valer um destino que está fundado na linhagem familiar. Pode-se pensar na emergência de um real articulado ao nó familiar inaugurado em Laio e Jocasta que transcende o vivencial significado. Em certo momento Lacan nos diz "...Sófocles nos apresenta o homem e o interroga nas vias da solidão, e nos situa o herói numa zona em que a morte invade a vida, em sua relação com o que aqui chamei de segunda morte. Essa relação com o ser suspende tudo o que tem relação com a transformação, com o ciclo das gerações e das corrupções, com a própria história, e nos leva a um nível mais radical do que tudo, dado que, como tal, ele está suspenso à linguagem" [fecha aspas]. Dizer que o desejo do drogado se aproxima ao do herói só faz sentido ao se considerar o objeto que provoca o desejo materno, como coloca Lacan no final desta articulação, buscando uma tradução para a posição subjetiva em *Antígona*: "o que é de seu desejo ? Não deve ser ele o desejo do Outro e ligar-se ao desejo da mãe ?" [fecha aspas]. Na relação dos casos clínicos são incontáveis os furtos domésticos, em especial de objetos da mãe, para a compra de droga, roubo do tempo e da vida da mãe em tratamento, para a realização do *nada* em seu lugar.

Em seguida Lacan pontua a dimensão que esta questão carrega na sua relação com a pulsão de morte : "Nenhuma medição é aqui possível, a não ser esse desejo, seu caráter radicalmente destruidor. A descendência da união incestuosa [de Jocasta com seu filho Édipo] se

desdobrou em dois irmãos, um que representa o poderio, o outro que representa o crime. Não há ninguém para assumir o crime e a validade do crime senão Antígona" [fecha aspas]. Aqui acrescento, uma mulher portanto. Lacan encerra dizendo que ela imortaliza, eterniza, perpetua a *Até* familiar, ao sacrificar seu ser para a manutenção do ser essencial que é a *Até* familiar. Esta colocação suscita a idéia portanto de que o drogado estaria diante da delicada posição do incestuoso-parricida, mas que evita toda a carga afetiva e a dívida que isso comporta, vertentes mortificantes do ser, na construção de uma particular realidade pulsional circunscrita no modo feminino de gozar com a substância psicoativa. De outro modo, pelos significantes fálicos haveria de reconhecer a dimensão do incesto e do parricídio, pilares de seu ato cínico. Adiando o encontro com esta posição, na esquiva revela sua condição, eternizando o destino que o Outro lhe atribui.

A partir desta aproximação é possível pensar o drogado como apropriadamente o anti-herói que recua diante de seu desejo, mas que assim reencontra o próprio destino. Sustenta o crime e a relação incestuosa pela via gozosa do Outro, tomado pelo inverso do falo, naquilo em que a humanidade não comporta de dignidade, mas de resto. Patético, transgressivo, anárquico, prostituta, marginal, baseado, cachaceiro, malandro, sem-vergonha, maconheiro, pervertido, traficante, degenerado e outros são inúmeros predicativos daquele sujeito que se insurge à expectativa do Outro no laço social. Nestes termos, o drogado faz da recusa a aventurar-se no encontro com o desejo e seus limites uma bandeira cujo tecido em chamas é o semblante exposto - *the nowhere land*.

José Ricardo Gallina
maio 1998

Referências bibliográficas:

LACAN, J. *O Seminário - Livro XI - Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1985 .

----- *O Seminário - Livro VII - A Ética da Psicanálise*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1988 .

SANTIAGO, J. "Droga, ciência e gozo: sobre o tratamento cínico do mal-estar do desejo". In: *Opção Lacaniana*, 15: 33-38, 1996 .

NOGUEIRA Fº, D.M. "Psicanálise e o uso de drogas". In: *Temas - Teoria e Prática do Psiquiatra*, 23(45): 50-58, 1993 .

#

#

#